

Os políticos garantem: não querem um novo congelamento.

JORNAL DA TARDE

17 FEV 1987

Tanto líderes do PMDB e do PFL quanto do PDS são contrários a um novo pacote com congelamento de preços como forma de enfrentar a atual crise econômica. O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP) afirmou ontem ser contra um tratamento de choque para a crise, que deve ser analisada e entendida sob outra ótica, a do trabalho e análise da discussão. Para Cardoso, a hora exige uma análise da situação real, que só o Executivo conhece.

O governo só deverá adotar qualquer medida na área econômica depois do contato que o ministro Dílson Funaro, seus assessores e os da Secretaria do Planejamento terão com a bancada do PMDB, dia 24 ou 25, do qual poderá participar parlamentares de qualquer partido. Essa é a "grande esperança" do líder do governo da Câmara, deputado Carlos Sant'Anna, deputado Carlos Sant'Anna, segundo afirmou ontem.

Tabelamento dos juros, propostas para enfrentar o problema da dívida externa, congelamento, ou tabelamento de preços, salários, são os assuntos pautados para o encontro com Funaro.

De qualquer forma, os principais líderes do PMDB estão receosos de que o Executivo, convencido por alguns tecnoratas da Esplanada dos Ministérios, acabará bairando o recongelamento de preços. "Será um desastre" — observou um dirigente do PMDB. "A volta ao congelamento acabará des-



Cardoso

moralizando o governo e o PMDB" — comentou outro.

Os líderes do PMDB estão divididos em relação à crise sócio-econômica e o otimismo do presidente Sarney. O chefe do governo, nos seus recentes contatos com deputados e senadores do PMDB, mostrou-se esperançoso em controlar a situação até o final de março.

Um importante senador pemedebista, contudo, reagiu ao otimismo do presidente: "Aí é que está o perigo. O presidente ouve o Funaro e concorda com ele, acreditando que até o final do próximo mês a crise estará sob controle. Vamos rezar, mas não acredito mesmo".

Para muitos será bastante difícil o governo evitar a recessão, principalmente se vingar a tese do recongelamento, atribuída ao economista Luciano Coutinho, secretário-geral do Ministério da Ciência e Tecnologia. Deputados e senadores-constituintes do PMDB



Santana

entendem que o novo congelamento de preços provocará reações imprevisíveis do empresariado e da sociedade. "Os empresários acabarão não cumprindo nada, e o povo, experimentado, também não acreditará mais em preços congelados, mas sim no retorno do ágio" — foi o comentário ouvido de um dirigente do PMDB.

Influentes parlamentares do PMDB já não acreditam mais em acertos da atual equipe econômica do governo. "Para começar a acertar, Sarney teria que substituir Dílson Funaro, apesar da proteção que o ministro da Fazenda tem, de parte do dr. Ulysses" — desabafou um deles.

O senador Mário Covas (PMDB-SP) não acredita em novo pacote econômico, numa providência cirúrgica da grandeza do Cruzado I, por exemplo: "Acho que virão reajustes, mas não com a abrangência do Cruzado. O governo não deve usar o bisturi, mas band-aid ou al-



Covas

gum medicamento eficaz". Ele manifestou-se contra o recongelamento de preços a curto prazo, observando que é preciso dar tempo para se conhecer os efeitos do acordo de realinhamento.

Para o deputado-constituinte Konder Reis (PDS), ex-governador de Santa Catarina, a proposta de recongelamento de preços "seria surrealista".

Já o deputado-constituinte Delfim Neto (PDS-SP) foi lacônico: "Isso não adianta. Esse pessoal não aprende". "É preciso deixar clara à opinião pública que a taxa de juros é consequência do processo inflacionário, que pode advir de um excesso de demanda, inflação de custo e outras causas. Dizer que o juro está alto, ou que está baixo, sem verificar a quanto anda a taxa de inflação, não tem sentido", argumentou.

O ministro da Previdência Social, Raphael de Almeida Magalhães, entende que as novas medi-

das só devem surgir "quando a economia estiver mais estável, o que ocorrerá somente no final de março".

O líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço, advertiu que o partido não vai apoiar um novo choque heterodoxo na economia, como o de 28 de fevereiro do ano passado, segundo decisão tomada em reunião com os vice-líderes. "O governo não terá o nosso respaldo se abandonar os métodos tradicionais e tentar resolver a crise com novo choque heterodoxo, cujos resultados foram a desorganização da economia, a escassez de alimentos e os índices alarmantes de inflação registrados hoje" — disse.

Outros parlamentares do PFL condenaram, por antecipação, um novo congelamento de preços.

Enquanto isso está em plena atividade no PMDB um novo grupo, acima dos moderados e à margem dos xiitas: é o "grupo moderador", que vem mantendo contatos freqüentes com o presidente da República, com ministros e autoridades do setor sócio-econômico, com o objetivo de discutir alternativas para a atual crise econômico-financeira.

Fazem parte do "grupo moderador", entre outros, José Richa, Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso, Pimenta da Veiga, Wilson Martins, Gerson Camata, Severo Gomes, Paulo Macarini, Fernando Gasparian, Euclides Scalco.